



Por ocasião da exposição África-Brasil: Ancestralidade e Expressões Contemporâneas, a pedido da curadora Elisa Larkin Nascimento, Ricardo Cravo Albin contribuiu com o seguinte depoimento, publicado no catálogo da exposição (disponível por meio de solicitação direta ao Ipeafro).

Em Memória e em Ação

Ricardo Cravo Albin

Quando Elisa Nascimento me pediu este texto, logo fiquei – e me perdoem o traço pessoal – a imaginar o destino das pessoas e a magia dos trabalhos de memória que são soprados pela continuidade, pela perseverança, pela decência.

O destino da pessoa a quem quero me referir, por certo, é o de Abdias Nascimento, cuja liderança vigorosa (e doce, como convém aos líderes verdadeiros) transcende a tudo que ele fez e apregoou.

O Brasil talvez ainda não tenha dado a devida conta de que Abdias foi muito mais que um homem público, muito mais que um pintor, muito mais que um escritor, muito mais que um líder das causas negras. Ele foi – como Ghandi – o visionário do Brasil, talvez um poeta, um profeta pelas causas da justiça e do bem no século XX.

Sua vida espichada – morreu quase aos cem, como que contemplado pela própria vida a espalhar seu ideário por mais tempo – começou pra valer com o Teatro Experimental do Negro (TEN), uma odisséia não só para o Teatro deste país, mas para a confirmação da dignidade dos atores negros, naquela altura vítimas do mais abjeto preconceito e distanciamento.

Quero evocar aqui o privilégio que ele me concedeu lá pelos anos finais da década de 60, quando eu desenvolvia febrilmente o Museu da Imagem e do Som no Rio. Fizemos uma exposição inaugural da coleção Museu de Arte Negra; e com que admiração eu acompanhei a firmeza e a vontade de produzir do Abdias! Ele parecia se multiplicar por cinco ou dez, para prover a realização de suas idéias, sempre generosas e solidárias. Abdias esgrimia respeito, um respeito quase reverencial, pelos outros artistas que, além dele, participavam da nossa mostra como Sebastião Januário ou José Heitor da Silva (ambos convidados nesta exibição do IPEAFRO). A nossa exposição no Museu Imagem e do Som foi um sucesso de público, com filas dobrando o velho prédio da Praça XV.

Mas, voltando ao começo deste texto, quero realçar agora a magia, o sortilégio que é a gente ver trabalhos e ideários como o de Abdias não perecerem. E não perecem, neste país por vezes tão descuidado com memórias substantivas, porque existe a decência e a perseverança de pessoas como Elisa Larkin Nascimento, sua musa e viúva, que, incansável, toca o IPEAFRO com a mesma tenacidade com que fez esta exposição de agora. Ou como instalará uma exposição da coleção Museu de Arte Negra Abdias Nascimento em Maricá brevemente.

*Ricardo Cravo Albin é crítico de arte e presidente do Instituto Cultural Cravo Albin.